



Traduções e Adaptações em estudo: um panorama da IV Jornada de Tradução e Adaptação - JOTA 2021

Silvia Cobelo*

Solange Pinheiro**

A cada dois anos, o Grupo de Estudos em Adaptação e Tradução (GREAT USP/CNPq) promove a JOTA, nossa jornada de estudos, três dias dedicados ao encontro de professores, pesquisadores, estudantes de graduação e de pós-graduação, com palestras e comunicações dedicadas a diferentes assuntos nas duas áreas.

Em 2021, dadas as condições em que nos encontrávamos - no meio de uma pandemia - realizamos uma Jornada online, com sede na UNESP de São José do Rio Preto. Como fazemos desde 2015, convidamos para oferecerem conferências e palestras relevantes pesquisadores, inclusive um professor estrangeiro, Prof. Dr. Patrick Catrysse; assim como editores, tradutores e

* Pós-doutoranda em Estudos da Tradução e Adaptação (FFLCH 2023); Doutora e Mestra em Literatura Espanhola (FFLCH 2009 e 2015); Roteirista (UCLA 1995); Bióloga (IBUSP 1982). Membro do GREAT desde 2015 e vice-coordenadora desde 2019; é tradutora, além de escrever ficção em forma de prosa e roteiros.

** Pós-doutora em Estudos da Tradução (FFLCH 2016); Doutora em Filologia e Língua Portuguesa (FFLCH 2011) e Mestre em Estudos Linguísticos e Literários (FFLCH 2007). Membro do GREAT desde 2017, é tradutora profissional, com traduções publicadas por diferentes editoras em São Paulo e Porto Alegre.

escritores. E, para nossa satisfação, dezenas de participantes compartilharam suas pesquisas e indagações sobre os mais variados temas, mostrando o avanço dos estudos principalmente na área de adaptação, que nos últimos anos tem adquirido grande força na Europa e nos Estados Unidos. Como não poderia deixar de ser, o Brasil acompanha essa tendência, e esperamos que ela continue a prosperar e a se desdobrar em novos e ainda não imaginados percursos acadêmicos.

Esta revista contém 16 artigos resultantes de comunicações orais realizadas durante a IV Jornada de São José do Rio Preto, e os leitores poderão ter uma ideia da diversidade de temas abordados durante o encontro: são três sobre tradução literária e 12 sobre adaptação, além de um artigo escrito pelo Prof. Dr. Álvaro Hattner, da Unesp de São José do Rio Preto, conferencista de nossa Jornada. Em um texto conciso e atual, o professor aborda as sempre tênues e discutíveis diferenças entre tradução e adaptação, mostrando como as duas áreas estão profundamente interligadas.

Por uma feliz casualidade, os três artigos sobre tradução literária analisam textos escritos em diferentes línguas - inglês, russo e japonês -, bem como autores de diferentes épocas: dois considerados parte do cânone da literatura mundial, atuantes no século XIX, a poeta norte-americana Emily Dickinson e o romancista russo Fiódor Dostoiévski, e uma autora japonesa contemporânea, Tawada Yōko. A análise feita por Giovanna Begotti das traduções de Dickinson por Adalberto Müller, Haroldo de Campos e Isa Mara Lando leva em conta a estrutura dos poemas, bem como aspectos fonológicos, mostrando as estratégias adotadas pelos tradutores para apresentar a dicção especial de Dickinson ao público brasileiro. Dostoiévski é tema de um artigo em que Yuri Martins de Oliveira apresenta os desafios de fazer uma adaptação e uma tradução integral da mesma obra, *Crime e Castigo*, refletindo sobre o suposto caráter inferior e infantil de um texto adaptado, mostrando como o tradutor/adaptador pode entregar aos leitores uma história contada “de uma maneira mais simples, do ponto de vista linguístico e do enredo, sem que se percam, contudo, suas características literárias”. Finalmente, o artigo de Fabio Pomponio Saldanha sobre Tawada Yōko introduz para o nosso público leitor/pesquisador não apenas uma romancista contemporânea, mas também

uma literatura infelizmente ainda pouco divulgada em nosso país. Relembrando José Paulo Paes (1990), a tradução hoje, mais do que nunca, é uma ponte necessária entre duas (ou mais) culturas, permitindo que conheçamos um pouco da produção literária de um país que tem laços de amizade tão profundos conosco como o Japão, dada a presença de mais de dois milhões de descendentes em nosso país (Sampaio 2022).

A literatura continua presente nos artigos relacionados à adaptação: dos 13 artigos, sete se relacionam a textos literários – desde os já canônicos Charlotte Brontë, Joseph Conrad, Albert Camus, James Joyce, José de Alencar, Mário de Andrade – aos autores contemporâneos – Ismail Kadaré – e os sempre presentes clássicos da literatura infantil, neste caso, o conto da Branca de Neve.

A adaptação de narrativas canônicas abre espaço para vários argumentos sugestivos. Um romance como *Jane Eyre*, ao ser adaptado para o cinema inglês ou hollywoodiano, usa como fonte o texto escrito por Brontë, publicado em 1847. Entretanto, nos quase 200 anos desde sua publicação, o romance já foi traduzido para inúmeras línguas – só no Brasil, temos oito traduções publicadas, além de adaptações. O espectador brasileiro de uma adaptação de *Jane Eyre* poderá ter em mente não o texto em inglês, mas a tradução que leu, e possivelmente estabelecerá comparações entre a ‘sua’ tradução e o filme, no que diz respeito ao léxico, sobretudo nas falas das personagens, criando expectativas quanto ao que irá ver nas telas. O artigo de Cynthia Beatrice Costa e Lenita Maria Rimoli Pisetta analisa a adaptação americana de 1943, com Orson Welles e Joan Fontaine, um ano antes da tradução de Sodrê Viana, e dois anos antes da publicação de *Jane Eyre (A Mulher Sublime)* vertido por Virginia Silva Lefreve. As pesquisadoras utilizam a quinta retradução brasileira, elaborada pela segunda autora do artigo, Lenita Esteves, assinada com Almiro Pisetta (Paz e Terra 1996)¹, analisando a marcação de gênero do termo *reader* nos trechos de *voice-over*, examinando

¹ Confira mais detalhes sobre as traduções da obra no site *Não Gosto de Plágio*, da pesquisadora Denise Bottman. Disponível em: <https://naogostodeplagio.blogspot.com/search?q=jane+eyre>. Acesso em: 17 de mai. de 2023.

a “hipótese de que tradução e adaptação pressupõem ajustes significativos na voz narrativa”.

O Estrangeiro (1942) um dos mais famosos romances do escritor franco-argelino Albert Camus, Prêmio Nobel em 1957, foi lido no Brasil até 1980 na tradução portuguesa de António Quadros, até ser tardiamente traduzido por Valerie Rumjanek² - um ótimo tema de pesquisa inclusive. Jáder Santana traz duas reescrituras deste livro: a única adaptação cinematográfica, *Lo Straniero* (1967) e *L'Étranger* (2013)³, traduzido em quadrinhos (2013). O laureado diretor italiano Luchino Visconti já havia adaptado outros escritores, como Dostoievski, Boccaccio e Lampedusa antes de Camus, e geralmente assinava como co-roteirista. Jacques Ferrandez, premiado quadrinista franco-argelino, mostra igualmente um gosto por adaptações. Além de três obras de Camus, quadrinizou Marcel Pagnol e alguns autores argelinos como Maurice Attia, Mohammed Dib, entre outros.

Nas três obras, tanto a matriz literária, como nas reescrituras, Santana encontra uma prevalência: “a figura do sol como elemento central e catalisador dos atos e sentimentos do protagonista”. O artigo, acompanhado de imagens do filme e HQ em algumas cenas chaves, mostra como as duas traduções intersemióticas se esforçam e “são bem-sucedidas [...]”. Ambas fazem uso de recursos particulares às suas mídias para representar a intensidade abrasadora do sol e sua influência na dimensão psíquica do personagem”.

Conta Denise Bottman (2012:264) ter sido tardia a primeira tradução da obra de Joseph Conrad, *O Coração das Trevas* (1899), lançada no Brasil apenas em 1984, após o lançamento da adaptação *Apocalypse Now* (1979), dirigida por Francis Coppola, iniciando um “surto” de retraduições. O artigo de Aline Ushida examina a edição bilíngue assinada por Fabio Cyrino (Landmark 2011) e verifica como o colonizado, chamado de ‘Outro’ neste texto, é representado nas duas mídias em ambos os meios, utilizando críticos dos estudos pós-

² Assim como acima, confira mais informações sobre traduções de Albert Camus no Blog de Bottmann. Disponível em: <http://naogostodeplagio.blogspot.com/2012/11/camus-traduzido-no-brasil.html>. Acesso em: 17 de mai. de 2023.

³ O título foi traduzido por Jacques Ferrandez e Carol Bensimon em 2014 como *O Estrangeiro*. Logo abaixo lemos: “Baseado na obra de Albert Camus”.

coloniais (Bhabha 1991; Said 2007) para discutir identidade, alteridade e orientalismo, analisando inclusive algumas cenas, exemplificando suas considerações com imagens.

Duas aproximações bastante sugestivas são feitas entre o sertão de Guimarães Rosa e uma realidade aparentemente tão distante da nossa quanto a albanesa, no artigo que aborda a adaptação do romance de Ismail Kadaré, *Abril despedaçado* (1978), e entre o escritor irlandês James Joyce e o agreste nordestino no curta-metragem *Válvula*, baseado no conto *Eveline* publicado na coletânea *Dubliners* (1914). Kamila Moreira de Oliveira de Lima discute a transposição geográfica e temporal na adaptação roteirizada por Karim Aïnouz, dirigida por Walter Salles, lançada em 2001. Esta coprodução franco-suíça transfere a rixa entre famílias para o sertão nordestino de 1910 (filmado no interior da Bahia), ressignificando a narrativa fonte. O filme foi distribuído internacionalmente, revelando o protagonista, Rodrigo Santoro, para a indústria de cinema.

Outros dois artigos trazem adaptações cinemáticas de obras literárias. Ana Caroline Lopes analisa o curta (28') *The Horse Dealer's Daughter* (1983), baseado no conto homônimo de D. H. Lawrence, de 1918; mostrando como a deslocamento do contexto inglês para o oeste americano reforça a mesma crítica feita por Lawrence em seu conto. Robert Burgos é americano e aparece nos créditos em poucos audiovisuais⁴: roteirizou dois episódios da série televisiva *Chicago Hope* (1997) e como diretor da série *Strange Therapy* (2019-); portanto podemos supor que esse curta-metragem pode ter sido um projeto pessoal, um puro ato como agente, disposto a trazer uma narrativa para outro público, de outro tempo, em outra mídia.

Tivemos também a alegria de receber o artigo de Felipe Duarte Pinheiro abordando a adaptação do mangá *Ghost in the Shell*, de Masamune Shirow para o cinema, a qual o diretor Mamoru Oshii deixou em um tom mais sério, “sugerindo uma postura mais crítica em relação ao tema das implicações dos avanços tecnológicos para a nossa concepção de humanidade

⁴ IMDb Robert Burgos. Disponível em https://www.imdb.com/name/nm0121464/?ref=fn_al_nm_1. Acesso em: 26 de mai. de 2023.

em comparação à sua obra fonte”. A obra cyberpunk japonesa, transformada em uma franquia de Transmídia, foi expandida e adaptada, como no caso deste longa animado, o anime de suspense cyberpunk adulto de 1995⁵. O artigo foca em como as divergências da narrativa fílmica amplifica os temas do mangá fonte. A influência cultural de *Ghost in the Shell* é grande. Steve Rose (2009) cita: desde a franquia *The Matrix* (1999-2021), abertamente inspirada no anime dirigido por Oshii e roteirizado por Kazunori Itô; ao filme *Blade Runner* (1982) e outros audiovisuais, como os filmes *A.I.* (2001) e *Avatar* (2009 e 2022). É comum encontrarmos reescrituras, como remakes, refeitos dentro do padrão Hollywood (Milton e Cobelo 2023:224). A adaptação do manga feita em Hollywood em 2017 não foi bem-sucedida comercialmente, com perdas em torno de U\$60 milhões de dólares. Kosuke Mizukoshi (2018) atribui em parte à americanização e *white-washing* [branqueamento] do filme, que traz Scarlett Johansson - uma atriz não asiática - no papel de um ciborgue, e como um *Robocop*⁶.

Dois audiovisuais encerram a lista, uma série americana e um longa-metragem espanhol. Francisca Elane Costa e Silva, Regina Farias de Queiroz, e Rafael Ferreira da Silva examinam a conhecida história de Branca de Neve e seu reposicionamento em nosso século, para outro público e de maneira seriada. A trama e suas personagens, intertextualizadas com outros contos de fadas, são atualizadas e recontadas na série *Once Upon a Time / Era uma Vez* (2011-2018), hoje na Disney+, por Adam Horowitz e Edward Kitsis. A dupla divide créditos de roteiristas desde tempos de faculdade. Além de assinarem, entre outras produções, o da série *Lost* (2005-2010), terminam como parte da lista de produtores executivos da premiada e bem sucedida série, inclusive no mercado internacional. Portanto, não surpreende ver o nome dos dois como criadores, produtores executivos e escritores (de parte dos episódios) na ficha da série também veiculada pelo canal americano ABC, disponível na

⁵ Em 2008 lançaram uma versão atualizada, *Ghost in the Shell 2.0*, com novo áudio e efeitos digitais, além de animação 3D adicional. Wikipedia: *Ghost in the Shell*. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Ghost_in_the_Shell. Acesso em: 26 de mai. de 2023.

⁶ Segundo Mizukoshi (2018) *Robocop* é um tropo clássico dos filmes americanos, “um policial, com senso de justiça, transformado em um ciborgue após ser gravemente ferido” [a police officer with a strong sense of justice is seriously injured and then made into a cyborg].

plataforma IMDb. Os Estudos da Adaptação também se beneficiam de estudos historiográficos sobre os adaptadores. Este é um caso - esperando para ser pesquisado. Além da adaptação anterior, e da continuação (ou *sequel*) de um filme vintage, *Tron: Legacy* (2010); Horowitz e Kitsis criaram para ABC *Once Upon a Time in Wonderland* (2013-2014), *spin-off* da série estudada por Silva, Queiroz e Silva utilizando *Alice* outra narrativa clássica da LIJ.

A integrante do nosso grupo de pesquisa Great, Anna Catharina de Mendonça Paes, submeteu um original estudo sobre *La Tribu* (2018). A comédia, disponibilizada pela Netflix, é dirigida, e parcialmente escrita por Fernando Colomo, com mais de 40 audiovisuais, entre filmes e séries, em seu currículo. Os atores principais, Carmem Machi e Paco León, são igualmente conhecidos do público espanhol - e agora com o advento do streaming, de muitos outros lugares. Além de inúmeros trabalhos individuais, foram protagonistas como mãe e filho (apesar da pouca diferença de idade⁷) na bem-sucedida sitcom *Aída* (2005-2014), assim como em *La Tribu* - algo provavelmente entendido como uma piscadela aos fãs da série. Paes concentra sua análise nos quatro processos de tradução intersemiótica de um elemento metalinguístico da trama: um vídeo viral expõe a personagem feita por León em uma situação bem constrangedora, que gera artigos jornalísticos e inspira a letra de música de um *reggaeton*, transformada em videoclipe com coreografia, utilizada pelo grupo de dança em que os protagonistas se apresentam em um programa de TV - antes de participam de um *flash mob* final.

Nossos leitores podem apreciar estudos com dois autores bem representativos da literatura brasileira, Mário de Andrade e José de Alencar. Dafny Saldanha Hespanhol Vital analisa, compartilhando gifs de cenas interpretadas, duas traduções em libras do poema de Mário de Andrade “Moça linda bem tratada” (1922), observando como os aspectos multimodais (discurso, design, produção e distribuição). A grande diferença entre as duas versões é o profissionalismo da produção. O audiovisual feito com mais tempo, possui maior valor de produção, incluindo figurinos, e iniciou a

⁷ Conferir sobre adaptação e discrepâncias entre as personagens e a idade real dos atores do elenco em Milton e Cabelo (2023).

Videoteca Acadêmica em Libras - ViaLibras. O projeto, transformado em uma extensão universitária na UFRJ em 2020, valoriza Libras “como língua de produção de conhecimento científico e colaborar para o letramento acadêmico nessa língua” (Souza e Vital 2023), incluindo um útil glossário para auxiliar tradutores e intérpretes de Libras.

Confirmando a importância de abrir novos caminhos de pesquisa, para mostrar que gêneros ainda menos estudados revelam novas possibilidades de pesquisas acadêmicas, tivemos igualmente o prazer de editar, além de um texto sobre tradução de um poema em libras, dois artigos examinando temas pouco vistos em tradução, como bordados e canções.

O romance *Iracema* de Alencar traduzido através de bordados é um dos temas que comprovam o ecletismo dos Estudos da Tradução e da Adaptação, sempre muito bem acolhido pela Jota e pelo próprio Great. Hyana Jessica Silveira Rocha faz parte do Grupo Iluminuras de Literatura e Bordado, um projeto de extensão de incentivo à leitura da Universidade Federal do Ceará (UFC), que após discussão de um clássico brasileiro, propõe uma ressignificação utilizando os signos visuais do bordado para recompor o texto em imagens através de desenhos, linhas e cores. Segundo Rocha, o projeto já produziu mais de cem bordados com inspiração literária, trabalhando com autores como Raquel de Queiroz, Guimaraes Rosa, Clarice Lispector, Castro Alves, entre outros, um tentador baú de preciosidades para os estudiosos de Literatura e Pedagogia, além da nossa área de reescrituras.

Por fim, *last but not least*, editamos com prazer novamente um texto de Julio César Ribeiro dos Santos sobre tradução e música, desta vez analisando o hit “Evidências”. Aqui temos outro caso envolvendo o conceito de status de celebridade (Hutcheon e O’Flynn 2013:143), começando pelos autores da canção. José Augusto, com larga experiência em trilhas de novelas, e Paulo Sergio Valle, irmão de Marcos Valle, que segundo seus verbetes no *Dicionário Cravo Albin da Música Popular Brasileira* (dicionariompb.com.br), já gozavam de notoriedade na cena musical ao terem sua canção gravada por Leonardo Sullivan em seu álbum *Veneno, Mel e Sabor* (1989). A obra chegou às paradas de sucesso com a dupla Chitãozinho e Xororó, inserida no álbum *Cowboy do Asfalto* (1990), em uma das faixas mais representativas dos irmãos,

transformando-se em um objeto pop, virando memes e uma das mais cantadas em karaokês no Brasil, mostrando sua boa recepção, inclusive em outros países, tendo sido gravada em espanhol mais de uma vez. Santos observa as traduções feitas pela dupla em: 1990; como tema de encerramento da turnê *Evidências* (2016-2020)⁸; e no álbum ao vivo *Elas em Evidências* (2017), dividindo o palco com 12 cantoras: Simone e Simaria, Maiara e Maraísa, Ana Vitória, Paula Fernandes, Ana Clara, Tânia Mara, Marília Mendonça, Bruna Viola, Kell Smith e Alcione. As 12 cantoras dividem o palco com Chitãozinho e Xororó. Santos conclui, ao cotejar as versões, uma “assimilação do caipira pela cultura urbana”, uma “permanência do caipira no que se chama sertanejo, um resquício dos brãos onde se pensou pop”.

Neste momento, em que já estamos convidando colegas e conferencistas a acompanhar a quinta edição da nossa Jornada, entregamos este número especial da *Tradterm*, mostrando a diversidade de pesquisas em tradução e adaptação, desejando que o próximo número especial da *Tradterm*, com os artigos da V Jota 2023, possa ser tão instigante quanto este. Que a leitura seja prazerosa, e desperte nos leitores a vontade de conhecer um pouco mais sobre essas duas áreas interligadas, servindo como incentivo para todos interessados em reescrituras e nos sinuosos e ramificados caminhos da recepção.

Referências

BOTTMANN, Denise. “Joseph Conrad No Brasil”. *Belas Infiéis* 1.1 (2012): 263-276.

MILTON, John e COBELO, Silvia. Translation, Adaptation and Digital Media. London: Routledge, 2023.

⁸ A turnê voltou com alguns shows em 2022 após ser interrompida pela pandemia, sendo o último no dia dos namorados em uma casa de espetáculos da capital paulista. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/coluna/tudo-de-som/chitaozinho-xororo-dia-namorados>. Acesso em: 17 de mai. de 2023.

MIZUKOSHI, Kosuke. "Perils of Hollywood Whitewashing?: A review of 'Ghost in the Shell' movie". *Markets, Globalization & Development Review* 3.1 (2018).

SAMPAIO, Fabiana. "Imigração japonesa no Brasil completa 114 anos". *Radioagência Nacional*. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/cultura/audio/2022-06/114-anos-da-imigracao-japonesa-no-brasil#:~:text=Dados>. Acesso em: 17 de mai. de 2023.

SOUZA, Rodrigo Pereira Leal de e VITAL, Dafny Saldanha Hespanhol. "Sobre o Projeto". *Via Libras*, 2023. Disponível em: <http://www.vialibras.letas.ufrj.br/index.php/sobre-o-projeto>. Acesso em: 17 de mai. de 2023.